

## **Avanços nas Práticas Pedagógicas para Inclusão de Alunos Surdos: Um Enfoque no Reconhecimento da Linguagem de Sinais no Século XXI**

### **Advances in Pedagogical Practices for the Inclusion of Deaf Students: A Focus on Recognizing Sign Language in the 21st Century**

**Clecia Rosas Brito Bastos<sup>1</sup>**

419

**Resumo:** O indivíduo portador de qualquer deficiência nem sempre foi valorizado e respeitado, em razão de suas diferenças. No século XXI, o debate sobre educação para pessoas surdas abrange as perspectivas políticas, culturais e linguísticas, destacando a importância do reconhecimento do uso da linguagem de sinais. Desta forma, por meio do levantamento bibliográfico buscou-se alguns teóricos que possibilitou refletir e orientar este trabalho. Sendo assim, o objetivo deste artigo é conhecer os avanços nas práticas pedagógicas atuais voltadas para os alunos surdo que o possibilite de exercer seu papel como cidadão. Conclui-se que o processo de inclusão dos educandos com deficiência auditiva avançou bastante nos últimos anos, atualmente é possível ver a diferença, basta observar as metodologias educacionais e as ferramentas que ajudam no processo de inclusão.

**Palavra- Chaves:** Surdos. Tecnologia. Oralismo. Bilinguismo. Comunicação Total

**Abstract:** Individuals with any disability have not always been valued and respected, due to their differences. In the 21st century, the debate on education for deaf people encompasses political, cultural and linguistic perspectives, highlighting the importance of recognizing the use of sign language. In this way, through a bibliographical survey, we sought out some theorists who made it possible to reflect and guide this work. Therefore, the objective of this article is to learn about advances in current pedagogical practices aimed at deaf students that enable them to exercise their role as citizens. It is concluded that the process of inclusion of students with hearing impairment has advanced a lot in recent years, it is now possible to see the difference, just look at the educational methodologies and tools that help in the inclusion process.

**Keywords:** Deaf. Technology. Oralism. Bilingualism. Total Communication

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação Universidad Interamericana Py. Mestra em Ciências da Educação pela Universidad de La Integración de Las Américas (2018), especialista em Administração Escolar pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2003), graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2001). Atualmente atua principalmente nos seguintes temas: arte e aprendizagem significativa. E-mail: clecia.rosas@ gmail.com

**Recebido em 15/09/2023**

**Aprovado em 12/11/2023**

**Sistema de Avaliação: *Double Blind Review***



## INTRODUÇÃO

Os indivíduos surdos nem sempre foram atendidos em todas as suas necessidades pela sociedade, no passado eram vistos como anormais, o que de certa forma, explicaria a falta de comprometimento no âmbito educacional com os mesmos. Pessotti (1984) relata que em Esparta as,

[...]crianças portadoras de deficiências físicas ou mentais eram consideradas sub-humanas, o que legitimava sua eliminação ou abandono, prática perfeitamente coerente com os ideais atléticos e clássicos, além de classistas, que serviam de base à organização sociocultural de Esparta e da Magna Grécia [...] (p. 3)

Nota-se que todo indivíduo portador de qualquer deficiência nem sempre foi valorizado e respeitado, em razão de suas diferenças. Pessoas com deficiência por muito tempo foram totalmente ignoradas, vítimas de abandono, rejeição e em muitos casos sofriam maus-tratos e até mesmo mutilações (Tessaro, 2013). É perceptível que, na história humana, a imagem que muitos deficientes carregavam era de pessoas com deformação do corpo e da mente, o que revelava a imperfeição humana.

Para Gugel (2007), indivíduos que não eram iguais à maioria eram discriminados, e com crianças surdas o mesmo ocorria, dessa forma, se tornavam vítimas de preconceito e discriminação. Pois, eram marginalizadas, rejeitadas e perseguidas além de serem explorados nas cidades, alguns acabavam se tornando atrações de circos. Em alguns casos seus próprios pais os abandonavam quando crianças dentro de cestos ou outros lugares considerados sagrados.

Segundo Fernandes (2011) o nascimento de indivíduos com algum tipo de deficiência era visto como um castigo divino, considerados feitiçeiros ou bruxos esses seres malignos precisavam ser castigados para se purificarem. No Brasil, a Constituição Republicana de 1988, garantiu direitos a essa população com alguma necessidade especial, a partir daí, surgiram novas leis e declarações em prol da educação de pessoas especiais.

A Declaração de Salamanca (1994) é um dos principais documentos mundiais que buscam a inclusão social, juntamente com a Convenção dos Direitos da Criança (1988) e a Declaração sobre Educação para Todos de 1990. Esta declaração é fruto de uma tendência mundial que construiu a educação inclusiva, e cuja origem foi atribuída aos movimentos de direitos humanos e de desinstitucionalização manicomial que surgiram nos anos 60 e 70.

Em relação ao indivíduo com surdez uma definição que é muito adotada na área da educação especial se refere "a perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da capacidade de compreender a fala ou sons através do ouvido" (Brasil, 1999, p. 09). Portanto, pode-se compreender como uma terminologia que indica a ausência ou diminuição da capacidade auditiva, ou seja, do sentido da audição de uma pessoa, havendo maior relevância para sua abordagem a partir de um viés patológico.

Assim, por não saber se comunicar oralmente as pessoas não compreendiam o que os surdos queriam, e por muitas vezes tomavam decisões por eles que nem sempre traziam alguns benefícios, em certos casos prejudicavam ainda mais sua situação no mundo. Corbellini (2003) afirma que, ao ser constatado a surdez, o senso comum associa a pessoa surda a alguém que não consegue ouvir, o que é rapidamente legitimado pela família. Surdo significa ser incompleto, logo sua imagem está associada ao mudo. Dessa forma, a imagem social que se tem do indivíduo surdo é de um ser incompleto e menor.

O surdo, até meados do século XVIII, era considerado "incompetente", tendo seus direitos humanos negados por lei. Não podia herdar propriedades, casar, receber instrução, pois era considerado "estúpido" Se a imagem que se tinha de um indivíduo surdo era a de "inepto", não se poderia esperar nada do mesmo e, portanto, o tratamento que lhe seria dispensaria seria conforme à sua condição. (Corbellini, 2003)

É importante salientar que houve progressos significativos até o início do século XXI, em comparação com períodos anteriores, uma série de avanços os quais apontam ferramentas que permitiram ao surdo uma melhor integração social. Para Silva (2000) vivemos num mundo repleto de representações e nos acostumamos com elas, mesmo quando são injustas e preconceituosas. A maioria dos grupos humanos que sofreram discriminações no decorrer da história luta atualmente pelo direito de rever e modificar as suas representações, ou seja, analisar as representações é dar importância ao que se concretizou.

A metodologia empregada na construção desse artigo foi a qualitativa (Da Silva Gonçalves, 2007) uma vez que buscou-se compreender os significados dos avanços no debate da inclusão e do acolhimento (Bastos, 2023). Desta forma, por meio da revisão de literatura buscou alguns teóricos para refletir e orientar este trabalho. Para encontrar informações importantes e atualizadas sobre o assunto, usou-se de ferramentas científicas, como o Scielo e o Google Scholar. A leitura desses estudos resultou no seguinte questionamento: nos dias atuais as formas de incorporação das práticas pedagógicas voltadas para os alunos surdo na escola regular é eficiente?

Sendo assim, o objetivo deste artigo é conhecer os avanços nas práticas pedagógicas atuais voltadas para os alunos surdo que o possibilite de exercer seu papel como cidadão. A partir dessa reflexão, poderão surgir novos conhecimentos sobre o tema em questão, os quais permitirão a emancipação e, conseqüentemente, o tornar conhecido. A inclusão para o educando surdo deve ser uma prática que permita o acesso à sua língua e valorize o seu aprendizado, atendendo ao seu direito constitucional de acesso e usufruto com qualidade da educação.

## FILOSOFIAS EDUCACIONAIS PARA OS SURDOS

A história educacional do indivíduo surdo é demonstrada de maneira negativa. Desta forma, é crucial entender como o surdo era visto e tratado, além dos inúmeros obstáculos encontrados pelos os mesmo na sua integração no meio social e educacional.

Para Montoan (2007), a inclusão é um desafio que, quando enfrentado adequadamente pela escola regular, contribui para aprimorar a qualidade da educação básica e superior. Para se beneficiar de maneira plena com a educação, os alunos com e sem deficiência necessitam que a escola aperfeiçoe suas práticas de forma a atender às diversidades.

Alguns educadores despertaram a necessidade de que o surdo recebesse instruções educacionais. Dessa forma, criaram diferentes técnicas para ensiná-los, desde a linguagem auditiva-oral, a criação de códigos visuais para facilitar a comunicação com seus alunos, até a língua espaço-visual-espacial (Língua de sinais).

Porque de acordo com (Bastos, 2023, p.229) “os professores são profissionais essenciais, cujas múltiplas facetas demandam a capacidade de dominar, mobilizar e integrar conhecimentos em sua prática diária. O trabalho docente ocorre em um ambiente de interações humanas, onde o elemento humano desempenha um papel determinante e predominante”.

Considerando este contexto, para (Raminho; Gonçalves; Furtado, 2023, p.08), a promoção da inclusão social envolve a análise e repúdio de todas as manifestações de exclusão e preconceito. É essencial que os educadores estejam adequadamente capacitados para enfrentar o racismo, sexismo, machismo, ageísmo, xenofobia e demais sentimentos negativos que possam surgir no contexto educativo.

Segundo Quadros (2008) as abordagens educacionais apresentadas e adotadas representam uma parcela significativa da história da educação de pessoas surdas no Brasil. Ainda hoje, o Oralismo e o Bimodalismo estão sendo introduzidos nas instituições de ensino

brasileiros. As comunidades surdas perceberam que foram prejudicadas pelas propostas de ensino até então e entenderam a relevância e o valor da sua língua, Libras.

No Brasil, por volta de 1855, o imperador D. Pedro II, foi responsável por trazer o educador surdo francês H Ernest Huet para iniciar a educação de crianças surdas, com bolsas de estudos pagas pelo governo. Conforme Goldfeld (1997) expõe em sua visão sobre as filosofias educacionais que são aplicadas na educação do surdo, como no Brasil, a maioria dos países convive com essas diversas perceptivas relacionados os surdos e sua educação, acreditando que a verdade única não existe e, portanto, todas as “abordagens seriamente estudadas devem ter espaço” (p. 33)

Os pesquisadores (Mendes; Almeida; Poletto, 2023, p. 24) alertam que “mesmo com a aprovação de algumas leis que vem de encontro a necessidade do indivíduo surdo devemos compreender que ainda está muito longe do ideal, pois nossa sociedade é basicamente voltada para o indivíduo que possui a audição intacta e esse fato está ainda mais enraizado dentro do contexto escolar, pois em sua grande maioria se alfabetiza utilizando métodos voltados para a sonoridade”.

A análise mais aprofundada das filosofias educacionais para alunos surdos é imprescindível, uma vez que demonstram a necessidade de os educadores encontrarem um recurso didático com melhores possibilidades de trabalho e adaptações de linguagem/comunicação que garantam um ensino de excelência.

Sem dúvida, o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo são as principais técnicas de ensino empregadas em grande parte do mundo, cada pessoa surda tem suas características próprias, a forma como pensa e fala entre outras peculiaridades. No entanto, essas correntes apresentarão diferentes visões acerca do indivíduo surdo, do uso da linguagem de sinais e da cultura surda. Vale ressaltar que cada método utilizado tem sua importância, podendo apresentar pontos positivos ou negativos.

## **Oralismo**

Vale ressaltar que há vários avanços na educação para o surdo até o século XXI, em comparação com épocas anteriores, que apontam ferramentas para uma melhor integração social, principalmente nos serviços prestados aos surdos e pelos surdos. De acordo com Fernandes (2011, p. 39), “o oralismo prevaleceu como filosofia educacional predominante no período que compreendeu a década de 1880 até meados de 1960”.

De acordo com Goldfeld (1997) o oralismo se fundamenta na inclusão da criança surda na comunidade de ouvintes, pois essas condições favorecem o desenvolvimento da língua oral, é importante que tenham saberes necessário para garantir esse conhecimento. Para diversos profissionais dessa filosofia, a ideia de linguagem é limitada à língua oral, que deve ser a única forma de comunicação dos surdos. É indispensável que a criança possa se comunicar oralmente para que possa se oralizar.

Barros (2019) reforça que o método oral tinha como objetivo permitir que pessoas surdas se comunicassem verbalmente, de maneira semelhante às pessoas ouvintes, embora sem a mesma habilidade e entoação. Depois que o método oralista foi aprovado, a língua de sinais não era permitida porque poderia atrapalhar a compreensão da linguagem oral e da leitura labial.

### **Comunicação Total**

A metodologia de ensino para alunos surdos que ganhou força nos anos 1970 foi chamada de Comunicação Total, que propunha a aprendizagem utilizando sinais, leitura orofacial, amplificação e alfabeto digital para introduzir inputs linguísticos aos estudantes surdos. Nessa nova forma de ensino, os alunos poderiam se expressar nas categorias favoritas, ou seja, nas línguas orais ou natural, ou ambas simultaneamente. (Lacerda, 1998)

Com a filosofia da Comunicação Total e a consequente adoção da língua falada e sinalizada nas escolas e nos lares, Capovilla (2000) afirma que as crianças começaram “a participar das conversas com seus professores e familiares, de um modo que jamais havia visto desde a adoção do oralismo” (p.104). No fim dos anos 60 e início dos anos 80, as Dinamarca, por exemplo, o progresso se tornou tão aparente que a sinalização da fala usada na Comunicação Total foi logo adotada como “o método” por excelências.

De acordo com Capovilla (2000) a Comunicação Total advoga o uso de um ou mais desses sistemas, juntamente com a língua falada, com o objetivo básico de abrir canais de comunicação adicionais. Nesse sentido a chance de acesso a um ambiente linguístico adequado é proporcionada pela escola para garantir o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e do indivíduo.

## Bilinguismo

Em 1990, surge uma nova perspectiva, denominada bilinguismo para surdos, que se diferencia do Oralismo por levar em conta que a linguagem viso-gestual é um canal de grande relevância para a aquisição da linguagem do surdo. A modalidade reconhece a língua de sinais como L1, a que possui maior domínio, enquanto o português, a língua nativa do Brasil, seja escrita ou falada, é chamado de L2. De acordo com Goldfeld (1997) nesta abordagem, a crença é de que o indivíduo com deficiência auditiva, ao adquirir a língua de sinais L1, será capaz de se desenvolver em todas as áreas do conhecimento, o que não somente possibilita a comunicação entre pares surdos, pois possui uma função crucial como suporte ao pensamento e estimulador do progresso cognitivo e social. O significado do bilinguismo de acordo Megale (2005, p. 1) bilíngue é definido como: “capaz de falar duas línguas igualmente bem porque as utiliza desde muito jovem”.

Nesse contexto, percebe-se que o bilinguismo defende que ambas as línguas (sinais e oral), sejam consideradas para os surdos diglossicamente, sem que uma prejudique a outra, tendo como principal finalidade o enfoque bilíngue, que o surdo saiba comunicar-se pelas duas línguas. Acredita-se que por intermédio da língua materna do surdo (língua de sinais), este pode desenvolver-se linguisticamente e cognitivamente sem enfrentar tantos obstáculos.

Apoiado no conceito do dicionário Oxford (2000) Megale (2005, p. 1) afirma que bilíngue aquele “capaz de falar duas línguas igualmente bem porque as utiliza desde muito jovem”.

Para Quadros (2006), a escola que ensina o Bilinguismo como fundamento para os surdos através da Educação bilíngue deve ter, pelo menos, duas línguas para ensinar. No que diz respeito à educação, depende de decisões políticas-pedagógicas as diferentes maneiras de proporcionar uma educação bilíngue a uma criança. A escola que oferece uma educação bilíngue adota uma política linguística que estabelece a utilização de duas línguas, definindo, dessa forma, qual será a primeira e a segunda línguas, bem como a representatividade de cada uma. A instituição escolar vai pensar como essas línguas estarão disponíveis para as crianças, além de desenvolver as outras atividades escolares, como usar nas aulas ou estudar em horários específicos, dependendo do que a escola decidir. “Isso vai depender de “como”, “onde”, “quando” e “de que forma” as crianças utilizam”(p. 18).

Nesta filosofia educacional considera que o surdo deva ser bilíngue, ou seja, adquirir a língua materna oficial de seu país, e língua de sinais, a natural dos surdos. O indivíduo com

deficiência auditiva não necessita ansiar uma vida igual à do ouvinte, podendo assumir sua própria condição (Goldfeld, 1997).

Neste sentido, é preciso que haja uma real implementação da abordagem educacional baseada na perspectiva bilíngue nas escolas. E que a implementação desse modelo de educação, signifique o uso e a incorporação da língua de sinais ao currículo escolar como língua principal na mediação das atividades pedagógicas, assim como, por exemplo, a língua portuguesa, bem como, a formação de professores, como medida necessária ao encaminhamento de questões essenciais à prática pedagógica.

### **As tecnologias como uma possibilidade de interação para os surdos**

Numa sociedade que se comunica e interage constantemente as tecnologias digitais auxiliam na inclusão educacional do surdo? Essa é uma pergunta que fica evidente quando nós vivemos numa sociedade contemporânea, rodeada de instrumentos tecnológicos, que tem influência no comportamento das pessoas em um mundo globalizado.

Segundo Vieira (2011),

[,,]a sociedade atual vivencia um amplo processo de transformação no que diz respeito à intensificação do acesso à comunicação e informação. Trata-se da sociedade do conhecimento, na qual os saberes são transitórios e há necessidade de estarmos constantemente aprendendo, construindo novos conhecimentos. O espaço educacional, não diferente de outros espaços, mas de um modo particular, tem sido cada vez mais demandado na perspectiva de se experienciar novas formas de construção e difusão do conhecimento[...] (p. 1)

De acordo com Libâneo (2010), a cultura paralela é parte integrante do processo de ensino que visa o exercício pleno da cidadania, e a tecnologia, como computadores e a Internet, está inserida nesse contexto. Nos dias atuais pode-se dizer que a tecnologia se associou à melhoria no bem-estar de todas as pessoas, ampliou o conceito de acessibilidade, ao fornecer ajuda técnicas que derrubaram barreiras.

A tecnologia Assistiva é uma área de conhecimento que envolve diferentes áreas, como produtos, recursos, métodos, processos, técnicas e atividades. Com o intuito de fomentar a efetividade, relacionada à participação de indivíduos com deficiência, limitações ou mobilidade reduzida, visando promover sua independência, melhorar a qualidade de vida e a inclusão social (BRASIL, 2009).

Kenski (2008) ressalta que para as tecnologias possam buscar mudanças no método educativo, elas necessitam se compreendidas e incorporadas pedagogicamente. Isso quer dizer que preciso respeitar as particularidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que sua utilização de fato faça diferença. Não basta saber usar os instrumentos tecnológicos como a televisão, celulares, computador e etc., é preciso usar de maneira apropriada.

Diante esse contexto a expansão das tecnologias digitais e sendo essa ferramenta um instrumento de informação e comunicação, contribuído para a universalização do conhecimento e promoção da inclusão social de maneira natural; e, sendo o surdo uma parcela considerável da população mundial, na convivência com as tecnologias; há a necessidade de analisar as influências da tecnologia digital na inclusão educacional do surdo, bem como a sua utilização na obtenção do conhecimento, comunicação e interação, democratizando a sua vida na sociedade. Para Lopez,

[...]no passado, o objetivo do uso das ferramentas tecnológicas na educação de surdos era de “corrigir a surdez”, hoje, porém, mais do que oferecer assistência às necessidades, o uso da tecnologia visa auxiliar no desenvolvimento do potencial cognitivo, criativo, linguístico, comunicacional e sócio - afetivo. Salienta-se que é o processo de mediação pedagógica que pode definir a forma de utilização das tecnologias. Na educação de surdos a tecnologia apresenta-se como uma ferramenta pedagógica no processo de comunicação escrita, visual e de interação dos surdos[...] (LOPES,2017, p.10):

Para Stumpf (2010), as tecnologias foi um grande facilitador para o acesso linguísticos dos surdos aos meios de comunicação, proporcionado mudanças na sociedade e no cotidiano de seus usuários. Essa transformação estar presente no comportamento dos alunos, que muitas vezes, captam imagens das anotações de uma aula com a câmara do celular, ao invés de registrar no formato escrito. Da mesma maneira, o educador também precisa mudar seus hábitos para alcançar o público específico e atual, no sentido de estar sempre procurando novas tecnologias para facilitar o aprendizado.

Vale ressaltar que a comunidade surda tem seu direito à educação de forma garantida por Leis e Decretos. Essa inclusão, porém, não acontece de forma satisfatória, devido a inúmeros fatores, entre eles, está à falta de preparo dos agentes envolvidos, e desconhecimento das necessidades do surdo, bem como as ferramentas de que ele dispõe, para melhorar a qualidade de vida.

Frente a este desafio o uso das Tecnologias digitais assistivas, torna-se um instrumento que busca atender a demanda de portadores de necessidades educativas especiais, visando

assim, proporcionar melhor integração e aprendizagem entre as crianças que necessitam suprir a barreira da audição.

Para Oliveira (2015), as tecnologias permitem que os estudantes criem seus conhecimentos, através da comunicação e interação com um mundo de diversidades, onde não há limites geográficos e culturais e onde a troca de informações e experiências é constante. Isso se reflete no uso da internet, a qual possibilita o acesso e a troca de dados de maneira instantânea e virtual. Antes do seu surgimento, a informação e a busca pelo conhecimento eram restritas apenas a fontes físicas, como os livros, revistas etc.

As tecnologias surgem para auxiliar no processo de exploração da comunicação dos professores e alunos, além disso, são maneiras de difundir as informações, incluindo as mídias tradicionais, como tv, rádios, computadores, celulares e etc. Quando se unem a informação e comunicação, proporcionarão novos ambientes propícios as aprendizagens e interações essenciais para uma verdadeira aprendizagem. (Alves, 2013)

Desta maneira, os surdos se apropriaram dessas tecnologias para facilitar a aquisição de conhecimento e interação no ensino da escola regular, uma vez que elas permitem o desenvolvimento amplo da criança surda, possibilitando que esta, amplie o seu potencial frente aos recursos disponibilizados pela comunicação visual, apresentando boa aceitação da comunidade surda.

Para Nogueira (2011) é imprescindível procurar diversas maneiras de integrar os educandos surdos ao ambiente escolar. O uso das tecnologias é uma perspectiva promissora para desenvolvimento dos alunos, pois ajuda a romper barreiras e diminuir os problemas de comunicação no processo de sociabilidades e de ensino e aprendizagem.

Nesta visão de possibilidades e aprendizagem significativa, as novas tecnologias devem ser usadas na educação, aliadas ao ambiente de aprendizagem, com propósito de atrair, facilitar e motivar as crianças surdas, inserindo-as em grupos que reforçam sua interação social.

Assim, a proposta inclusiva, deve ser compreendida como parâmetro de perspectiva que promove situações de aprendizagem possibilitando conhecimentos, e entendimento de um grupo que atua cooperativamente.

Desta forma, torna-se considerável repensar na inclusão do indivíduo surdo, seja ele criança ou não, bem como a prática de ensino frente às novas tecnologias, ganhando assim, a atenção maior no planejamento dos estudos que envolvem essa ferramenta no processo de ensino aprendizagem.

Conforme Valente (1991, p. 63);

[...]além do uso pedagógico do computador na educação especial, o computador tem sido usado como recurso para administrar os diferentes objetivos e necessidades educacionais de alunos portadores de deficiência, como meio de avaliar a capacidade intelectual destes alunos, e como meio de comunicação, tornando possível, indivíduos portadores de diferentes tipos de deficiência como física ou auditiva, usarem o computador para se comunicar com o mundo. [...]

É notório que a tecnologia articulada à educação originou a construção de novas práticas pedagógicas, que permite o aumento, agilidade, praticidade, versatilidade, acessibilidade, possibilidades e diversas formas de desenvolver a aprendizagem.

Podemos concluir que tecnologias, frente ao processo de inclusão, são consideradas instrumentos que auxiliam a educação de maneira interativa.

Acreditando que, embora haja uma multiplicidade de artefatos tecnológicos e sistemas de produtos e serviços desenvolvidos, cabe a escola pensar sobre como estas ferramentas podem contribuir para a emancipação e autonomia dos sujeitos surdos, visto que o aprendizado deve estar intercalado aos fatores culturais e sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que no decorrer da história, a vida e a educação dos surdos, sempre apresentou aspectos negativos, pois, desde o começo da humanidade os surdos eram vistos como pessoas anormais, castigadas por Deus, por esse motivo eram abandonadas.

Depois de muitas lutas no século XVI, surgiram os primeiros educadores surdos, abrindo caminho para uma educação inclusiva que começa com direitos das pessoas surdas no ambiente escolar e social. Diante esse contexto, procurou-se refletir nesse artigo as perspectivas das filosofias educacionais para os surdos nos ensinamentos como oralismo, comunicação total e bilinguismo na formação escolar dos indivíduos, por meio das discussões buscou-se abordar os aspectos destas metodologias na educação dos surdos, uma vez que as mesmas abrangem diferentes conceitos de ensino.

Logo após pontuaram-se como as tecnologias podem ajudar no processo de ensino e aprendizagem. Nota-se que o processo de inclusão dos educandos com deficiência auditiva avançou bastante nos últimos anos, atualmente é possível ver a diferença, basta observar como várias ferramentas ajudam nesse processo como computadores, televisões, internet e outras. São transformações que aconteceram graças as lutas de movimentos políticos, e,

principalmente, sociais que emergiram das organizações dos surdos que procuraram buscar a igualdade de direitos, cujas finalidades é inserir esses indivíduos na sociedade.

## REFERENCIAS:

ALVES, Doralice L. Ribeiro; SILVA, Edna A. Pereira da; SILVA, Ildeflávio dos Santos. **As contribuições das Tics para o processo de ensino e aprendizagem de idiomas**. Disponível em:

<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/575056/2/AS%20TIC%60S%20NA%20EDUC A%C3%87%C3%83O%20PR%C3%81TICAS%20DE%20ENSINO%20NA%20EAD.pdf>

Acesso em: 27 dez. 2023

AMOROSO, Sônia Regina Basili. INCLUSÃO DO DEFICIENTE NO ENSINO SUPERIOR: uma perspectiva para a inclusão social. **Humanidades e Tecnologia (FINOM)**, v. 15, n. 1, p. 115-135, 2019.

BARROS, H.A, ALVES, F.R.V. As Principais Abordagens de Ensino para o Surdo: e a Valorização da Cultura dos Surdos. **Res. Soc. Dev.** 2019.

BASTOS, Clécia Rosas Brito. Contribuição da musicoterapia para aprendizagem do aluno surdo autista. **HUMANIDADES E TECNOLOGIA (FINOM)**, v. 41, n. 1, p. 227-240, 2023.

BERGAMO, Regiane Banzzatto. **Educação Especial - Pesquisa e prática**. Curitiba, IbpeX, 2010

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: Secretaria Geral, 1999.

BRASIL. **Tecnologia Assistiva**. SDHPR - Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência - SNPDP. 2009.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília.1998

CAPOVILLA, A. G.S; CAPOVILLA, F. C; SOARES, J. V. T. **Consciência sintática no ensino fundamental**: correlações com consciência fonológica, vocabulário, leitura e escrita. Psico-USF, 2000.

CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S. Processamento auditivo central: Demonstrando a validade de uma bateria de triagem para crianças de 6 a 11 anos. In: CAPOVILLA, F. C. (Org.), **Neuropsicologia e aprendizagem: Uma abordagem multidisciplinar**. São Paulo, SP: **Sociedade Brasileira de Neuropsicologia**, Scortecci, pp. 121-145, 2002.

CEVELLINI, Nadir Haguiara. **A musicalidade do surdo representação e estigma**. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

DA SILVA GONCALVES, Maria Célia. O uso da metodologia qualitativa na construção do conhecimento científico. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 199-203, mar. 2007. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212007000100018&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000100018&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 05 jun. 2023.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**. Salamanca – Espanha, 1994.

FERNANDES, Sueli. **Educação de surdos**. 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2011, Série Fundamentos da Educação.

GOLDFELD, M. **A criança Surda: Linguagem e Cognição numa Perspectiva Sócio-Interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997. GUBA, E. G.; Y.

GUGEL, Maria Aparecida. **A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade**. Ampid (associação Nacional dos Membros do ministério Público de defesa dos Direitos dos idosos e Pessoas com Deficiência), 2015. Disponível em: <[https://www.ampid.org.br/ampid/Artigos/PD\\_Historia.php](https://www.ampid.org.br/ampid/Artigos/PD_Historia.php)> Acesso:03 jan. 2023

KENSKI, Vani Moreira Kenski. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 3 ed. São Paulo, Campinas: Papirus, 2008.

LACERDA, C. B. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. 1998.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010

LOPES, Gerison Kezio Fernandes. O uso das tecnologias no processo de ensino e de aprendizagem do surdo: libras em educação a distância. **Revista virtual de cultura surda**. Edição nº 20. Editora arara azul. janeiro de 2017.

MEGALE, Antonieta Heyden. Bilingüismo e educação bilíngüe – discutindo conceitos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. V. 3, n. 5, agosto de 2005.

MENDES, Amanda Ferreira; DE ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães; POLETTO, Lizandro. Educação inclusiva: desafios das crianças surdas no processo de alfabetização. **ALTUS CIÊNCIA**, v. 17, n. 17, p. 23-35, 2023.

MERCADO, Luís Paulo. **Novas tecnologias na Educação: Reflexões sobre a Prática**. Luís Paulo Leopoldo Mercado (Org.) – Maceió – EDUFAL – 2002

MONTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar**. O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2007

OLIVEIRA, Cláudio de. TICs na educação: a utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno. **Pedagogia em Ação**. v. 7 n. 1. 2015. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/11019> Acesso: Acesso em: 27 dez. 2023

PESSOTTI, I. **Deficiência mental**: da superstição à ciência. São Paulo: T.A. Queiroz.1984

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. 2. ed. atual. Porto Alegre: Artmed, 2008.

RAMINHO, E. G.; GONÇALVES, M. C. da S.; FURTADO, A. C. Contribuições da formação para os saberes do professor do século XXI: Um projeto a ser discutido. **Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 12, n. esp.1, p. e023014, 2022. DOI: 10.30612/eduf.v12in.esp.1.17109. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/17109>. Acesso em: 27 jun. 2023.

RAMINHO, Edney Gomes; GONÇALVES, Maria Célia da Silva; Infância e criança como construção social: cenários, avanços e prospectos. **DIREITO EM REVISTA**, v. 8, jan./dez. 2023. ISSN 2178-0390. DOI: 10.5281/zenodo.7968534. Disponível em [http://revistas.icesp.br/index.php/DIR\\_REV/article/view/4015](http://revistas.icesp.br/index.php/DIR_REV/article/view/4015). Acesso em 20 de junho de 2023

SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TESSARO, N.S. **Inclusão Escolar**: Concepções de Professores e Alunos da Educação Regular e Especial.2007

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação Para Todos** (Conferência de Jomtien). Tailândia: Unesco, 1990.

VALENTE, J. A. **Liberando a mente**: computadores na educação especial. Campinas: Gráfica Central da UNICAMP, 1991. 63 p.

VIEIRA, R.S. O Papel das tecnologias da informação e comunicação na educação a distância: um estudo sobre a percepção do professor/tutor. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, 10 (5), 65- 70p, 2011.